



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CENTRO DE
HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

SARAH INAYÊ GALDINO BIZERRIL DE SALES

**A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA CONTIDA EM *HAMLET*, DE WILLIAM
SHAKESPEARE: ASPECTOS EXPLÍCITOS E IMPLÍCITOS**

**GUARABIRA
2023**

SARAH INAYÊ GALDINO BIZERRIL DE SALES

A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA CONTIDA EM *HAMLET*, DE WILLIAM SHAKESPEARE: ASPECTOS EXPLÍCITOS E IMPLÍCITOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras/Inglês.

Área de concentração: Literatura Comparada

Orientador: Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa

GUARABIRA

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B589i Bizerril, Sarah Inaye Galdino.

A intertextualidade bíblica contida em Hamlet, de William Shakespeare [manuscrito] : aspectos explícitos e implícitos / Sarah Inaye Galdino Bizerril. - 2023.

15 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024. "Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Intertextualidade . 2. Shakespeare . 3. Hamlet. I. Título

21. ed. CDD 402

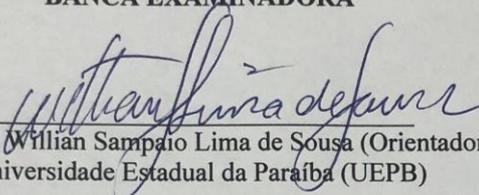
SARAH INAYÊ GALDINO BIZERRIL DE SALES

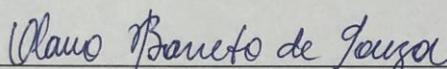
A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA CONTIDA EM *HAMLET*, DE WILLIAM SHAKESPEARE: ASPECTOS EXPLÍCITOS E IMPLÍCITOS

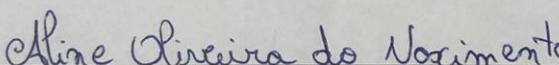
Área de concentração: Literatura comparada

Aprovada em: 29/11/2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (1º Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Mestranda Aline Oliveira do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. DISCUSSÃO SOBRE OS TEXTOS CRÍTICOS REFERENTES AO ESTUDO COMPARATIVO ENTRE HAMLET E A BÍBLIA	7
2. O ENTENDIMENTO E FUNÇÃO DOS INTERTEXTOS NA TESSITURA DA PEÇA EM ANÁLISE	8
2.1. <i>O comparativismo e a intertextualidade bíblica</i>	8
2.2 <i>A relação entre a Bíblia e a escrita shakespeareana</i>	9
3. ANÁLISE TEXTUAL EXPLORANDO OS INTERTEXTOS IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS CONTIDOS EM HAMLET	10
3.1. <i>Analisando a intertextualidade explícita</i>	10
3.2 <i>Intertextos bíblicos implícitos nos personagens: príncipe Hamlet e o Rei Cláudio</i>	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	16

RESUMO

A intertextualidade pode comparar-se a uma “linha” que costura diversos recortes a um mesmo tecido, assim a peça *Hamlet, o príncipe da Dinamarca*, é apresentada no texto que segue, como este recorte que se liga ao contexto bíblico, por esta assim chamada, “linha”. O objetivo deste estudo consiste em realizar uma análise comparativa dos intertextos bíblicos explícitos e implícitos apontados na contextura da peça *Hamlet, o príncipe da Dinamarca* de William Shakespeare. A metodologia deste artigo se dá por meio da pesquisa bibliográfica. Dessarte, a partir do entendimento das questões intertextuais e comparativas apontaremos paridades e singularidades identificados entre os personagens e contextos destacados, como também a estética que trazem ao texto essas referências, a partir dos conceitos depreendidos dos teóricos que fomentam esta pesquisa, dentre eles destacamos Heliadora (1978), Frye (2021), Kristeva (1969) e Carvalhal (2006).

Palavras-chave: Intertextualidade; Shakespeare; Hamlet.

ABSTRACT

Intertextuality can be compared to a “thread” that sews different sections to the same fabric, thus the play *Hamlet, Prince of Denmark*, is presented in the text that follows, as this section that is linked to the biblical context, by this so-called “line”. The objective of this study is to carry out a comparative analysis of the explicit and implicit biblical intertexts highlighted in the context of the play *Hamlet, Prince of Denmark* by William Shakespeare. Therefore, based on the understanding of intertextual and comparative issues, we will point out parities and singularities identified between the highlighted characters and contexts, as well as the aesthetics that these references bring to the text, based on the concepts learned from the theorists who promote this research, among them we highlight Heliadora (1978), Frye (2021), Kristeva (1969) e Carvalhal (2006).

Keywords: Intertextuality; Shakespeare; Hamlet.

¹ Sarah Inayê Galdino Bizerril de Sales

Graduanda do Curso de Letras - Inglês na instituição de ensino Universidade Estadual da Paraíba

Introdução

Neste artigo, destacamos alguns intertextos bíblico que constam em *Hamlet, o príncipe da Dinamarca* [1603]/(2010), de William Shakespeare, precisamente as referências explícitas e implícitas que estão deflagradas na tessitura dos diálogos presentes na peça. Entendemos que o conhecimento sobre o texto bíblico é essencial para compreendermos muitos textos literários, não só em autores cristãos, mas, em uma gama de textos ficcionais, os leitores encontraram alegorias bíblicas inseridas em narrativas, poemas e textos dramáticos que foram concebidos no ocidente. Com base nesse entendimento, pretendemos observar como as alusões/menções tácitas e manifestas alcançam uma funcionalidade dialógica no enredo de *Hamlet*.

Adotamos como categoria analítica a intertextualidade, porquanto é possível observarmos menções que relacionam o texto bíblico e *Hamlet*, tais como: as referências explícitas a Jefté e o fratricídio concernente a Caim e Abel; alusões implícitas a Davi e Saul, Davi e Urias. Mediante esta exposição primária, realizamos uma leitura correlacional de *Hamlet* e observaremos a funcionalidade estética das menções bíblicas contidas na peça.

Por intermédio dos elementos expostos anteriormente, esta pesquisa está alicerçada nas seguintes contribuições teóricas e críticas: Júlia Kristeva (1969) e a definição de intertextualidade, ou seja, que a literatura se estabelece como “um mosaico de citações”. Tania Carvalhal (2006) e o seu estudo diacrônico sobre a literatura comparada. Bárbara Heliodora (1978) e a obra *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*. Nesta obra, temos um detalhamento referente à formação religiosa e política de William Shakespeare enquanto cidadão. Outra contribuição significativa será a obra *O Código dos Códigos: Bíblia e literatura*, de Northrop Frye (2021). Neste estudo, o autor assevera que para termos um conhecimento da literatura inglesa, se faz necessário conhecer a Bíblia e os seus *mythos*.

Atentando para o fato de existirem poucas discussões em torno da dialogia entre *Hamlet* e a Bíblia, entendemos que uma leitura comparativa entre os *corpora* em análise trará uma visão singular sobre o tema e nos permitirá trilhar um caminho de descobertas e reflexões em torno da construção deste texto dramático.

A partir da teoria denominada de intertextualidade, podemos olhar para a obra dramática de Shakespeare, precisamente *Hamlet*, e vislumbrar uma perspectiva crítica que nos permita mergulhar no universo da construção textual e compreender a mescla de referências bíblicas implícitas e explícitas contidas nessa obra literária. Dessa forma, o estudo intertextual possibilita separar e analisar as alusões que foram detectadas ao longo de nossa leitura de *Hamlet*. Segundo a teoria intertextual de Kristeva (1969), cada texto tem sua originalidade constituída por meio de relações intertextuais, como uma grande árvore repleta de ramificações e galhos constituídas por textos advindos de diversas áreas da literatura, ou seja, dando forma a uma nova expressão literária. Por este aspecto, nossa base teórica pretende contribuir no que compete ao estudo comparativo e correlacional entre a Bíblia e *Hamlet* (2010).

Por se tratar de uma pesquisa em literatura comparada, o estudo de Carvalhal (2006) é relevante, pois sinaliza para uma diferenciação entre os estudos comparativos concebidos nos primórdios e aqueles concebidos após 1960, década em que os estudos comparados mudam o seu perfil analítico. Kristeva (1969) é uma fonte teórica notável, pois comunga dessa nova vertente concernente aos estudos comparativos, logo as múltiplas referências ao texto bíblico serão examinadas e observaremos suas respectivas funções estéticas no cerne de *Hamlet*. Ao cotejar o texto shakespeariano, se faz necessário conhecer a formação de William Shakespeare, assim, o estudo de Heliodora (1978) é destacado nesta pesquisa, tão logo a autora faz uma busca e entende a formação religiosa do bardo inglês e o seu conhecimento sobre o texto bíblico. Acreditamos que estas fontes teóricas primárias possibilitaram o entendimento do estudo aqui proposto.

Para a execução desta pesquisa, iremos considerar o método de pesquisa bibliográfico e qualitativo, tendo como objeto de pesquisa primário a peça *Hamlet, o príncipe da Dinamarca*, de William Shakespeare e alguns fragmentos da Bíblia.

O artigo está estruturado e separado em três sessões: Discussão sobre os textos críticos referentes ao estudo comparativo entre *Hamlet* e a Bíblia; o entendimento e função dos intertextos na tessitura da peça em análise; análise textual explorando os intertextos implícitos e explícitos contidos em *Hamlet*.

1 DISCUSSÃO SOBRE OS TEXTOS CRÍTICOS REFERENTES AO ESTUDO COMPARATIVO ENTRE *HAMLET* E A BÍBLIA

Ao iniciarmos uma exploração acerca dos estudos que dialogam com a temática desta pesquisa, encontramos alguns artigos correlacionados a temática abordada neste artigo, contudo, elencamos três que nos pareceram mais pertinentes a este estudo, pois pretendemos pontuar e mapear o conteúdo que já foi anteriormente explanado referente à paridade entre *Hamlet* e o texto bíblico. Entendendo que em uma pesquisa científica, o pesquisador deve conhecer a fortuna crítica vinculada ao objeto de estudo, destacar as temáticas já estudadas e iniciar ou propor um estudo centrado em uma nova perspectiva analítica.

Sendo assim, o primeiro artigo anteposto é *A maldição primeira e outros intertextos bíblicos em Hamlet, de Shakespeare*, de Ana Claudia de Souza Oliveira (2014). Em seu estudo, a autora tem como texto fonte a escritura bíblica e, a partir dela, busca na obra shakespeariana apropriações, alusões e referências ao texto sagrado, abordando alguns questionamentos sobre as escrituras sagradas e a literatura, assim como as fontes literárias que poderiam ter inspirado Shakespeare na construção do personagem Hamlet. A autora delimita a sua pesquisa na comparação entre o assassinato perpetrado por Caim, ao matar Abel, e o traçoeiro homicídio praticado por Cláudio e suas respectivas maldições.

Destacamos também o seguinte artigo: *Teologia, cultura e literatura: uma análise da hamartiologia implícita na obra Hamlet, de Shakespeare, a partir da teologia da fronteira de Paul Tillich*, de Bryan de Souza Lages e Samuel Rodrigues dos Santos (2020). Neste artigo, os autores abordam o estudo da hamartiologia² atribuída à peça *Hamlet*. A hamartiologia é uma área do estudo teológico, por tanto os autores discutem sobre o contexto histórico-religioso europeu e o cerne da rivalidade entre reformistas e católicos. As contribuições do teólogo Paul Tillich são aplicadas ao estudo das questões que envolvem a coragem e a ansiedade que se contrapõe nas ações e reflexões de Hamlet, o protagonista. E além das demais considerações, são analisadas as circunstâncias teológicas que envolvem o suicídio da personagem Ofélia.

No artigo *Aspectos do cristianismo no texto dramático Hamlet, de William Shakespeare*, de João Roberto Marques Cordeiro (2018), o autor pondera sobre todo o contexto político e religioso que corresponde à época em que viveu Shakespeare, e o período que corresponde a feitura de *Hamlet*, levando em consideração os grandes nomes da reforma protestante e suas respectivas influências ao contexto político da época. Ademais, são feitas exposições sobre os diálogos da peça que demonstram algum teor religioso, seja católico ou protestante ao longo dos diálogos da tragédia shakespeariana.

Dado os apontamentos quanto aos artigos apresentados que tem como *corpora* a peça *Hamlet* e a Bíblia, propomos uma vertente analítica diferenciada e que abarque os dois textos, assim como o aproveitamento estético das menções bíblicas em *Hamlet*. Ao relacionaremos os textos por meio de uma análise comparativa, enfocaremos na

² A palavra hamartiologia deriva do grego hamartia (pecado) e logia (estudo), é a área da Teologia que se dedica ao estudo aprofundado do pecado.

intertextualidade (explícita e implícita) e exploraremos a função desse “mosaico de citações” bíblicas em *Hamlet* e sua função na construção estética da tragédia shakespeariana.

2 O ENTENDIMENTO E FUNÇÃO DOS INTERTEXTOS NA TESSITURA DA PEÇA EM ANÁLISE

2.1. O comparativismo e a intertextualidade bíblica

Para darmos seguimento a esta pesquisa buscaremos discorrer sobre as teorias que fomentam esta análise entre *Hamlet* e as sagradas escrituras.

Ao compararmos obras literárias e apresentarmos distinções sobre os textos selecionadas em uma pretensa análise, encontramos na literatura comparada algumas ferramentas que viabilizam o dito exame analítico; pois, segundo Carvalho (2006, p.7): “Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura”. À literatura comparada é, muitas vezes, entendida como o ato de meramente comparar dois textos e observar suas semelhanças. No entanto, podemos ir além desse entendimento e entendê-la como uma aliada na interpretação de obras literárias por meio de elementos implícitos e explícitos disseminados em uma obra de arte.

Segundo Carvalho (2006, p.11), os estudos comparados têm suas primeiras aparições na França, e um dos pensamentos básicos lançado por Philarete Chasles (1835, s/p) é de que “nada vive isolado, todo mundo empresta a todo mundo: este grande esforço de simpatias é universal e constante”. Deste pensamento, inferimos que há um fator idiossincrático concernente à literatura, ou seja, um diálogo abrangente e recorrente entre obras literárias. Por volta de 1921, uma premissa básica baliza a natureza da literatura comparada: “as comparações literárias dependiam da existência de um contato real e comprovado entre autores e obras ou entre autores e países” (Carvalho, 2006, p.14). Por este viés, a validação dos estudos comparativos está centrada nas fontes de influências.

A partir de 1960, a literatura comparada passa por uma mudança significativa e o quesito fontes e influências perde espaço ao confrontarmos duas obras. Os novos estudos comparativos não estão relacionados à biografia do autor, mas o leitor executa agora uma parte importante no processo de interpretação da obra, comparando as semelhanças e explorando as diferenças entre os textos, ou seja, realizando o processo interpretativo ao comparar múltiplas expressões artísticas ou gêneros literários.

Ao instaurar um novo horizonte analítico dentro dos estudos comparados, diversas teorias surgem e possibilitam compreender as menções explícitas e implícitas em obras literárias. Dentre os múltiplos arcabouços teóricos possíveis, adotamos o pressuposta da intertextualidade, na perspectiva de Julia Kristeva (1969), pois esta teoria nos permite investigar o “mosaico de citações” ou menções bíblicas explícitas e implícitas contidas em *Hamlet*.

Segundo Samoyault (2008, p.16), essa teoria, foi assim denominada pela primeira vez por Julia Kristeva em 1966, e, em 1967, ela publiciza sua definição. Ao estudar a definição de dialogismo de Mikhail Bakhtin durante sua formação, a autora deparou-se com a definição de que todo texto é um mosaico de citações, dessa afirmação surgiu um conceito inédito com relação ao estudo da construção artística e textual. Este campo de estudos descreve que a originalidade de um texto vai além de informações nunca vistas, sendo ela (originalidade) construída no ato da transposição de vários textos em um novo, que dá vida a uma nova ideia, um novo construto da expressão artística e uma nova perspectiva de interpretação.

Ainda segundo Samoyault (2008, p. 24), Roland Barthes inaugurou a ideia de que a teoria intertextual pode ser retratada segundo a perspectiva de que grande parte dos

textos possui uma gama de citações que são reproduzidas sem perceber, de maneira automatizada pelo nosso inconsciente. Nesse sentido, Samoyault (2008, p.28) entende que o intertexto é a ligação que o leitor estabelece entre a obra e outros textos que a antecederam ou sucederam. Contudo, a definição de Kristeva é sumariamente importante para o estudo aqui proposto. Vejamos: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. (Kristeva, 1969, p. 102 *apud* Nitrini, 2010, p. 161). Esta definição de intertextualidade nos fornece vários subsídios interpretativos para o nosso estudo. Primeiramente, entendemos que o texto literário dialogará com vários outros textos e nos parece algo intrínseco à literatura. A segunda parte da citação é esclarecedora sobre as menções contidas em um texto ficcional, porquanto essas citações não são passivas, a autora descreve que ocorre uma “absorção e transformação” (Kristeva, 1969). Deste modo, no diálogo entre o texto bíblico e *Hamlet*, precisaremos observar as semelhanças e destacarmos as diferenças contidas nesta troca intertextual.

2.2 A relação entre a Bíblia e a escrita shakespeareana

Partindo do pressuposto da correlação entre os textos sagrados e diversas obras da literatura, Northrop Frye (2021), em *O Código dos Códigos: a Bíblia e a literatura*, busca esclarecer os contatos entre a Bíblia e as criações literárias. O autor descreve que a Bíblia é uma grande pedra de toque entre os artistas, assim ela funciona como um documento literário, ou códice literário ocidental. Sobre a atuação das escrituras sagradas na escrita literária, Frye (2021, p. 12) traz a seguinte afirmação: “Mas aqui está um livro que teve uma fértil influência na literatura inglesa, desde os escritores anglo-saxões até os poetas mais jovens do que eu, e mesmo assim ninguém diria que a Bíblia “é” uma obra literária”. O autor destaca o valor e preponderância da Bíblia para a tessitura de inúmeras obras ocidentais desde o período anglo-saxão até época atual, no entanto, por muito tempo, existiram vertentes de estudos acadêmicos que não a consideravam (a Bíblia) relevante para interpretação artística. Diante de tais considerações é perceptível que as escrituras bíblicas, sendo parte da cultura ocidental, estão arraigadas no subconsciente do artista e, mesmo que sem intenção ou intencionalmente, alguns grandes vultos da escrita ficcional utilizaram personagens, enredos, arquétipos bíblicos em suas construções artísticas.

A partir deste entendimento de que múltiplas construções ocidentais têm sido moldadas sob sintagmas advindos de referências bíblicas, iremos destacar essas influências na formação intelectual de Shakespeare, e, que consequentemente foram refletidas em suas produções.

Tendo mãos algumas pesquisas de Barbara Heliodora (1978), precisamente a obra *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*, a autora detalha informações sobre a formação escolar, familiar, religiosa e política do dramaturgo inglês, em Stratford-upon-Avon. Heliodora (1978) relata que durante o período elisabetano³, a formação bíblica era indispensável aos ingleses, desde crianças eles realizavam o catecismo e recitavam salmos e orações bíblicas. Ela relata o período em que o autor frequentou o *Grammar School*, em Stratford-upon-Avon, onde os professores possuíam treinamento universitário como consequência da proximidade à universidade de Oxford. Heliodora (1978), acrescenta que em todas as fases do ensino dos ingleses, a religião exercia grande relevância em relação aos conteúdos ministrados, e o estudo da Bíblia de Genebra, nas escolas inglesas, era essencial. Sobre isso, a autora afirma: “além dos clássicos latinos apenas um outro livro era estudado a fundo nas escolas inglesas: a Bíblia de Genebra, que também aparecerá com grande frequência na obra shakespeareana.” (Heliodora, 1978, p.

³ O período Elisabetano, ou Isabelino, corresponde ao reinado da rainha Elisabeth I, da Inglaterra. Que foi de 1558 a 1603.

44). Diante de tais fatos, é possível estabelecer um elo entre a formação bíblica de Shakespeare e a suas produções enquanto dramaturgo. Não estamos afirmando que a formação bíblica de Shakespeare é o fator primordial para as citações contidas em *Hamlet*, mas podemos aventar que essas citações não são frutos unicamente do subconsciente do autor, elas são providas do conhecimento do texto sagrado.

Após todas essas considerações, passamos para o segmento em que analisaremos os intertextos bíblicos presentes em *Hamlet*.

3 Análise textual: explorando os intertextos bíblicos implícitos e explícitos contidos em *Hamlet*

3.1. Analisando a intertextualidade explícita

Na peça *Hamlet, o príncipe da Dinamarca* (2010), encontramos determinados recortes textuais que remetem diretamente aos textos bíblicos. Primeiramente, precisamos destacar que esses enxertos textuais são de duas naturezas distintas: menções explícitas (citações diretas referentes ao texto bíblico - temática conhecida e difundida entre os leitores) e implícitas (não há uma menção clara do texto bíblico na tessitura dos diálogos hamletiano). No primeiro caso, as citações carregam nitidamente o nome de personagens ou narrativas que circulam repetidamente e pertencem ao imaginário dos leitores. No segundo caso, as alusões só serão identificadas com o prévio conhecimento do texto bíblico ou após uma pesquisa. Como exemplo de uma menção explícita e facilmente rastreável, temos o seguinte recorte em *Hamlet*, segundo ato, cena II:

HAMLET: Ó Jefté, juiz de Israel, que tesouro possuías!

POLÔNIO: Que tesouro era, príncipe?

HAMLET: Ora...

Tinha uma filha, nada mais, que ele adorava sobretudo.

POLÔNIO (à parte): Sempre com minha filha na ideia.

HAMLET: Não tenho razão, velho Jefté?

POLÔNIO: Se me chamais de Jefté, senhor, tenho uma filha a quem adoro sobre todas as coisas.

HAMLET: Não é essa a consequência. (Shakespeare, 2010, p. 29)

Ao mencionar Jefté, o primeiro elemento do mosaico kristeviano entra em cena e, precisamos entender o processo de absorção e transformação dessa informação. Quem seria o juiz a quem Hamlet se refere ao chamar Polônio de Jefté? É a pergunta que nos empenharemos a responder neste instante. O enredo da trama inicia-se após a morte de Hamlet, rei da Dinamarca; pai do protagonista dessa tragédia. O príncipe Hamlet está atribulado mentalmente e sua angústia tem uma dupla motivação: ausência do pai e indignação pelo repentino casamento de sua mãe, a rainha Gertrudes, com seu tio Cláudio. Posteriormente, o príncipe conhece os pormenores da morte do pai e descobre o ardiloso fratricídio perpetrado por Cláudio. Nesse contexto, Polônio aparece como conselheiro do novo rei e pai da amada do príncipe Hamlet, a jovem Ofélia. O príncipe, passa por um suposto período de loucura, e, apropriando-se dessa prerrogativa, lança palavras que são por vezes desconsideradas pelos demais personagens. Nesta fala, ao citar/relacionar Polônio e Jefté, o leitor poderia observar este fato como algo aleatório, no entanto, ao cotejar o texto bíblico, os personagens Polônio e Ofélia seriam simbolicamente um paralelo ao juiz Jefté e a sua filha.

Após esta colocação, observaremos o contexto em que o juiz de Israel está inserido na peça shakespeariana, pois depreendemos da teoria intertextual uma concepção de que o texto é composto por fragmentos de outros textos que somados tornam-se algo totalmente novo em significado. Nesse sentido, apresentamos o intertexto referenciado pelo príncipe Hamlet, no livro de Juízes, capítulo 11, no Antigo Testamento. Essa

passagem relata que Jefté era um gileadita⁴, filho de uma prostituta e, por isso, rejeitado por sua família, mesmo sendo um homem valoroso. Mas, diante da opressão do povo amonita⁵, os anciões de Gileade decidem constituir Jefté como juiz de Israel, ou seja, o seu papel militar é libertar o povo israelita das mãos dos Amonitas. Logo, ele fez um voto a Deus, em busca da vitória, como vemos no trecho a seguir: “Aquilo que, saindo da porta de minha casa, me vier ao encontro, voltando eu dos filhos de Amon em paz, isso será do Senhor, e o oferecerei em holocausto.” (Jz. 11:31). Neste trecho, observamos que Jefté serve aos anciões israelitas e algo aleatório é ofertado a Deus em caso de vitória junto aos Amonitas. Desse modo, a comparação se localiza precipuamente no desfecho entre a personagem Ofélia e a filha de Jefté, pois ambas têm destinos trágicos pois quando Shakespeare insere este diálogo na peça, supomos que se trata de uma prolepse ou antecipação de um fato, o destino trágico que recaiu à personagem Ofélia:

A RAINHA: Tanto as desgraças correm, que se enleiam no encalço umas das outras. Vossa irmã afogou-se, Laertes.

LAERTES: Afogou-se? Onde? Como?

A RAINHA: Um salgueiro reflete na ribeira cristalina sua copa acinzentada. Para aí foi Ofélia sobraçando grinaldas esquisitas de rainúnculas, margaridas, urtigas e de flores de púrpura, alongadas, a que os nossos campônios chamam nome bem grosseiro, e as nossas jovens "dedos de defunto". Ao tentar pendurar suas coroas nos galhos inclinados, um dos ramos invejosos quebrou, lançando na água chorosa seus troféus de erva e a ela própria. Seus vestidos se abriram, sustentando-a por algum tempo, qual a uma sereia, enquanto ela cantava antigos trechos, sem revelar consciência da desgraça, como criatura ali nascida e feita para aquele elemento. Muito tempo, porém, não demorou, sem que os vestidos se tornassem pesados de tanta água e que de seus cantares arrancassem a infeliz para a morte lamacenta. (Shakespeare, 2010, p. 29)

No entanto, a comparação não se estabelece unicamente no terreno da semelhança, as diferenças exercem, de igual modo, grande relevância no exercício da análise comparativa, assim como nos assevera Carvalhal (2006, p. 7):

Aos poucos torna-se mais claro que literatura comparada não pode ser entendida apenas como sinônimo de "comparação". Antes de tudo, porque esse não é um recurso exclusivo do comparativista. Por outro lado, a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação.

Consequentemente, devemos considerar a diferenciação neste estudo, logo, se já abordamos que a personagem Ofélia e a filha do juiz bíblico tiveram um desenrolar trágico, ponderamos que diferente da filha de Polônio, a filha de Jefté não teve uma morte física, mas simbólica. No desfecho da narrativa sobre juiz de Israel, como podemos observar no livro de Juízes, a filha de Jefté não terá como desfecho a morte: “Vindo, pois, Jefté a Mizpá, à sua casa, eis que a sua filha lhe saiu ao encontro com adufes e com danças; e era ela a única filha; não tinha ele outro filho nem filha.” (Jz 11:34). Sendo ela a primeira pessoa que lhe saiu ao encontro após sua vitória, Jefté deveria ofertá-la em holocausto, porém esse sacrifício efetuou-se de modo simbólico, a moça foi consagrada ao Senhor para a castidade após um período de lamentação: “E sucedeu que, ao fim de dois meses, tornou ela para seu pai, o qual cumpriu nela o seu voto que tinha feito; e ela não conheceu homem;” (Jz.11:39).

⁴ Neste contexto, gileadita quer dizer habitante da cidade de Gileade, região da Transjordânia, citada em no livro de Juízes da Bíblia Sagrada.

⁵ O povo amonita, ou filhos de amom, correspondem a uma antiga civilização que habitou na região da Mesopotâmea, e são descendentes de Ló, sobrinho de Abraão.

Por meio desta perspectiva analítica, temos um novo paradigma interpretativo: ao pensarmos no processo de absorção e transformação de um texto, ao citar Jefté, Hamlet sugere que Polônio está negligenciando os cuidados paternos em detrimento de uma investigação proposta por Cláudio. Outro fator relevante nesta citação explícita é: O leitor detém o conhecimento que Hamlet e Ofélia são “namorados” e o texto, de modo simbólico, enseja que os personagens têm uma vida sexual ativa. Após conhecer a trama bíblica, Hamlet é irônico ao mencionar esse juiz de Israel, pois a filha de Jefté, nas sagradas escrituras, é virgem. Com descrito anteriormente, temos uma ramificação de novos significados ao relacionarmos o texto bíblico e Hamlet.

Dando prosseguimento ao estudo comparativo e intertextual, discorreremos sobre a alusão shakespeariana ao fratricídio executado por Caim e tendo como vítima, o seu irmão, Abel. *Hamlet* (2010), apresenta inicialmente fragmentos implícitos que remetem ao fato anteriormente citado, e, neste momento, somente o horizonte de expectativa do leitor é capaz de sugerir tal mediação intertextual. Em outro segmento da tragédia, a relação entre Caim/Abel - Cláudio/Hamlet se torna explícita. Vejamos alguns pormenores: Cláudio e Caim são personagens que carregam a chaga do fratricídio. Este é um elemento que une estes dois caracteres. Outro fator preponderante: a narrativa que aborda o relato sobre Caim e Abel é amplamente conhecida no ocidente, sendo ela utilizada como recurso imagético em diversas construções artísticas, e, na referida produção teatral, encontramos uma possível relação cifrada e explícita entre os temas. Ao tirar a vida de Hamlet (o rei), Cláudio toma para si o pecado de Caim e, mesmo sem uma citação explícita até aqui, podemos relacioná-los como homicidas. Entretanto, o crime de Cláudio é descoberto por Hamlet e, em um momento de confissão, o leitor visualiza a evidente relação entre Cláudio/Caim, Abel/Hamlet (o rei). Vejamos o trecho do mosaico em que Cláudio se declara semelhante a Caim: “Está podre o meu crime; o céu já o sente. A maldição primeira pôs-lhe o estigma: fratricida. Rezar, não me é possível, muito embora o pendor siga à vontade; a culpa imana vence o belo intento.” (Shakespeare, 2010, p. 44). Nesta cena, o rei Cláudio confessa ter assassinado seu irmão. Uma das semelhanças que podemos identificar entre Cláudio e Caim seria a falta de arrependimento, uma vez que Caim quando indagado por Deus acerca de seu irmão não transparece arrependimento: “E disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? E ele disse: Não sei; sou eu guardador do meu irmão?” (Gn 4:9). De igual modo, Cláudio não vai adiante em seu arrependimento:

Perdão alcança quem retêm o furto? Nos processos corruptos deste mundo pode a justiça ser desviada pela mão dourada do crime, e muitas vezes o prêmio compra a lei; mas não lá em cima, onde não valem manhas; o processo não padece artifícios, e até mesmo nos dentes e na frente do delito teremos de depor. Que ainda me resta? Tentar o que o arrependimento pode. Oh! Como é poderoso! Mas que pode fazer com quem não sabe arrepender-se? Terrível situação! (Shakespeare, 2010, p.44)

No que concerne às diferenças, ponderamos sobre as inclinações que motivaram os dois fratricídios. Em Caim, a inveja é o cerne da ira do personagem, uma vez que o sacrifício de Abel agrada a Deus e Caim e sua oferta são rejeitados pela deidade:

E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura; e atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta. Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante.” (Gn 4:3-5)

No contexto da peça, Cláudio inveja a posição do irmão - rei da Dinamarca e existe conjuntamente uma inveja secundária, o desejo de possuir Gertrudes. Por meio das palavras de Cláudio, podemos conjecturar a diferença entre os personagens por meio do extrato textual.

Meu crime já passou; mas, que modelo de oração servirá para o meu caso? "Perdoai-me o crime monstruoso e horrendo?" Não pode ser, que me acho, ainda, de posse de quanto me levou a praticá-lo: o trono, meus anelos e a rainha. (Shakespeare, 2010, p.44).

Desse modo, entende-se que as motivações de ambos, apesar de culminarem no assassinato de seus irmãos, não são exatamente iguais, pois Caim é condenado a viver longe de sua família e amaldiçoado, assim não obteve nenhuma regalia por meio de seu crime. No que diz respeito a Cláudio, além de tirar a vida do rei Hamlet, em seguida tomou posse de tudo que seu irmão possuía de valioso: seu trono e sua esposa.

3.2 Intertextos bíblicos implícitos nos personagens: príncipe Hamlet e o Rei Cláudio

Um outro intertexto explorado implicitamente em *Hamlet* (2010) é a alusão ao rei Saul, primeiro rei do povo israelita, além de ser o primeiro rei rejeitado por sua desobediência. Frye (2021, p. 32) faz uma importante consideração sobre ele:

Saul é o grande herói trágico da Bíblia: não só fisicamente ele é bem mais alto do que seus súditos (Reis ou Samuel I, 9:2), como também é um governante capaz e, segundo seus critérios, bastante justo. Mas parece que nada do que faz vai bem. Poupa seu inimigo, o rei Agag, levado por um sentimento de decência, apenas para ouvir que ao não matá-lo ele está traindo o feroz Deus de Samuel, e que isto nunca será perdoado por uma deidade que “não é um homem que se arrependa” (Reis ou Samuel I, 15:29).

Observando as descrições propostas por Frye, em *Hamlet* (2010), novamente observamos a menção implícita a Saul e ao rei Davi, mais precisamente ao episódio narrado em I Samuel 24, em paridade ao rei Cláudio e o príncipe Hamlet. Desse modo, iremos averiguar nesses dois textos suas semelhanças e diferenças apresentando uma breve reflexão a respeito das relações e sentimentos que os movem. Selecionamos uma cena específica para realizarmos este estudo intertextual, ou seja, a cena III ato III, onde o rei Cláudio vê-se encurralado ao ver a representação de seu crime por meio da peça intitulada de: “a ratoeira”. Segundo o entendimento do príncipe, a encenação surte o efeito esperado, logo o rei atormentado intenta realizar uma oração, porém sem sucesso diante de sua incapacidade de arrependimento. Mediante este contexto, Hamlet tem a oportunidade de executar o seu tio, um réu confesso, porém o príncipe entende que ao realizar seu intento, sua vingança seria pouco proveitosa, visto que, Hamlet acredita que seu tio Cláudio teria encontrado perdão de seu pecado naquele momento, enquanto seu pai não teria tido esta oportunidade. Hamlet não aplica o golpe final em seu tio devido ao seu caráter místico, ou seja, o misticismo do personagem funciona como um freio para as ideias de vingança do príncipe.

Em analogia a esta cena, propomos explorar o texto bíblico, precisamente o trecho contido em I Samuel 24, onde o rei Saul perseguia Davi, movido pela inveja e medo de perder sua coroa, já que o profeta Samuel, sendo porta-voz de Deus, havia anunciado que seu governo teria sido rejeitado por Deus. Vejamos o comportamento de Davi e Saul a seguir:

Então tomou Saul três mil homens, escolhidos dentre todo o Israel, e foi em busca de Davi e dos seus homens, até sobre os cumes das penhas das cabras montesas. E chegou a uns currais de ovelhas no caminho, onde estava uma caverna; e entrou nela Saul, a cobrir seus pés; e Davi e os seus homens estavam nos fundos da caverna. Então os homens de Davi lhe disseram: Eis aqui o dia, do qual o Senhor te diz: Eis que te dou o teu inimigo nas tuas mãos, e far-lhe-ás como te parecer bem aos teus olhos. E levantou-se Davi, e mansamente cortou a orla do manto de Saul. (I Sm, 24:2-4)

Ao fugir da ira do rei Saul, Davi e seus homens se escondem em uma caverna, no deserto de En-Gedi, e, descobrindo Saul a localização deles, o rei preterido foi em busca de Davi e seus soldados. Ao chegar em En-Gedi, Saul entra na caverna em que Davi está abrigado, e, nesse momento, os homens de Davi dizem que Saul deve ser morto; porém, Davi se recusa a tocá-lo, visto que o considerava um ungido do Senhor. Vejamos a fala de Davi: “e disse aos seus homens: O SENHOR me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, ao ungido do SENHOR, estendendo eu a minha mão contra ele; pois é o ungido do SENHOR” (I Sm. 24:6).

Em contraste a Hamlet, Davi tinha respeito pela posição hierárquica que Saul representava e o chamado divino recebido pelo rei israelita, por isso não o feriu mesmo sendo perseguido por ele. Na peça, o príncipe tinha a convicção de que o rei, naquele momento, estaria arrependido, por tanto seria livrado do castigo eterno, Hamlet desconhece o real conteúdo da confissão de Cláudio, ou seja, Cláudio não esboça arrependimento.

Sob outra perspectiva, poderemos encontrar outras alusões acerca de Hamlet, o príncipe e seu tio, o rei Cláudio, como por exemplo a menção implícita a uma conhecida história bíblica do Novo Testamento, o conflito entre Herodes e João Batista. Na trama do bardo inglês, encontramos uma referência explícita a Herodes quando o príncipe dá orientações ao ator que irá representar o papel correspondente a Cláudio (na peça): “Dá gana de açoitar o indivíduo que se põe a exagerar no papel de Termagante⁶ e que pretende ser mais Herodes do que ele próprio. Por favor, evita isso.” (Shakespeare, 2010, p. 35). Neste trecho, Hamlet orienta que o ator não desempenhe uma atuação caricata, fazendo com que sua representação pareça exagerada, assim ele menciona Herodes, o tetrarca da Galiléia, e, sobre ele, iremos agora elaborar uma breve contextualização. No Novo Testamento, observamos o surgimento da figura de um grande profeta, após o período intertestamentário que corresponde aos anos de silêncio profético que se estende de 433-5 a.C ao nascimento de João Batista. Este é o último profeta da antiga aliança, as escrituras dizem que ele seria o “novo Elias” e que prepararia o caminho para o Messias. Desse modo, sua mensagem central estava na chamada ao arrependimento e batismo para remissão de pecados (Lc. 3:2-19). Após ser preso e levado a presença de Herodes, João denuncia o pecado de adultério cometido pelo rei ao ter um relacionamento com Herodias, esposa de seu irmão. Logo, Herodes deseja ordenar a morte do profeta, contudo temia a reação popular: “e, querendo matá-lo, temia o povo; porque o tinham como profeta.” (Mt.14:5).

De modo similar, Cláudio desejava executar o príncipe, principalmente após a morte de Polônio, mas estava apreensivo, pois Hamlet é querido em Elsinor e a sua morte poderia causar uma revolta popular. O rei assevera: “O outro motivo que me impede de com ele justar contas é o grande amor que lhe devota a plebe”. (Shakespeare, 2010, p. 59). Neste movimento comparativo, é possível observar um traço de semelhança entre os textos em análise.

João teve seu destino selado após a dança da filha de Herodias, a quem o tetrarca prometeu realizar qualquer de seus desejos e ela pediu a decapitação do homem de Deus,

⁶ ou termagant, é o termo atribuído a uma deidade maléfica mitológica, neste contexto simboliza a maldade de Cláudio.

ou seja, a cabeça do profeta João Batista, servida em uma bandeja de prata. Na peça, Hamlet recebeu sua sentença de morte por meio de uma carta que ele deveria entregar ao rei da Inglaterra, cujo teor consistia na execução do príncipe:

oh banditismo real! - uma ordem clara, com vários argumentos relativos ao bem da Dinamarca e da Inglaterra e não sei mais que duendes e fantasmas, no caso de com vida me deixarem, para que na mesma hora, sem delongas, nem sequer a de afiar a machadinha, me degolassem. (Shakespeare, 2010, p. 69)

Todavia, como podemos notar, Hamlet descobre os planos de seu tio e engenhosamente foge de sua execução. Neste instante analítico, o mosaico kristeviano, observado em Hamlet, é elaborado de modo cifrado e somente o horizonte de expectativas do leitor possibilitará um encontro entre os textos em análise. Aparentemente, no âmbito das menções explícitas, encontramos uma certa facilidade em relacionar os textos pelo viés das semelhanças. Na modalidade implícita, uma segunda milha é cobrada do leitor.

Considerações finais

Com base nos apontamentos realizados sobre as dialogias apreendidas entre a peça *Hamlet, o príncipe da Dinamarca* (2010) e os textos bíblicos, podemos inferir acerca da relevante contribuição que a Bíblia pode nos oferecer na compreensão e interpretação das obras shakespearianas, assim como de múltiplos textos da literatura e das artes em geral.

Ademais, observamos como essa tragédia shakespeariana dialoga intertextualmente com o códice bíblico, mediante dois tipos de intertextos: citações explícitas e implícitas. Nesse sentido, examinamos as menções explícitas ao texto bíblico e exploramos as semelhanças e particularidades associadas aos personagens de Polônio e Jefté, tal qual Caim a Cláudio, uma vez que do ponto de vista comparativista, entendemos que comparar vai além das semelhanças.

No segundo momento de nossa análise, demonstramos as relações implícitas entre os personagens de *Hamlet* e a Bíblia, ao destacarmos as possíveis dialogias entre Hamlet, o príncipe/Davi - Cláudio/Saul e Hamlet/João Batista - Cláudio/Herodes. Destacamos que a intertextualidade implícita, requer uma leitura analítica e comparativa entre os textos afim de identificar as referidas paridades.

Por fim, poderíamos descrever outra leva de alusões bíblicas contidas em *Hamlet*, como a menção explícita a Adão e o jardim do Éden, além de alusões implícitas a Davi e Urias, mas deixaremos estas análises para um próximo momento. De certo, temos a convicção de que este estudo apresenta um desafio ao leitor de Shakespeare, pois o conhecimento bíblico possibilita um maior entendimento da poética do bardo inglês.

REFERÊNCIAS

A **BÍBLIA**. Português. Bíblia Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. Bíblia Online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 11 nov. 2023

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CORDEIRO, João Roberto Marques. **Aspectos do cristianismo no texto dramático Hamlet de William Shakespeare**. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão, 2018.

DE OLIVEIRA, Ana Cláudia de Souza. A maldição primeira e outros intertextos bíblicos em Hamlet, de Shakespeare. **Revista Estudos Anglo-Americanos**, n. 42, p. 123-142, 2014.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a bíblia**. Tradução Judite Jóia. Lisboa: Leya, 2021.

HELIODORA, Bárbara. **A expressão dramática do homem político em Shakespeare**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. v. 3.

LAGES, Bryan De Souza; DOS SANTOS, Samuel Rodrigues. **Teologia, cultura e literatura**: uma análise da hamartiologia implícita na obra Hamlet, de Shakespeare, a partir da teologia da fronteira de Paul Tillich. 2. ed. Correlatio, 2020. 103-120 p. v. 19.
SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Tradução Bárbara Heliodora. São Paulo: Abril, 2010.